

LEITURAS LOBATIANAS: A FORMAÇÃO DE ALUNOS ATRAVÉS DA OBRA INFANTO-JUVENIL DE MONTEIRO LOBATO

Priscila dos Anjos Borges, Renata Junqueira de Souza (orientador), CELLIJ e Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente – SP.

Resumo: Paralelo à trajetória da obra de Monteiro Lobato no processo de constituição e consolidação das narrativas infantis como escrituras dotadas de artisticidade desenvolvem-se algumas concepções de leitura que, pautadas em diversas teorias do texto e da linguagem, fundamentam as práticas de ensino de literatura. Este trabalho pretende estudar, sob uma perspectiva histórica, as propostas metodológicas adotadas nas escolas paulistas – especificamente no município de Presidente Prudente (SP), dirigidas à obra infantil de Monteiro Lobato; refletir sobre as diferentes concepções teóricas que atualmente nortearam as práticas de ensino de leitura; verificar como docentes de contextos diferentes concebem a produção lobatiana, problematizando seus procedimentos metodológicos para contemplá-la em sala de aula, através de entrevista semi-estruturada; verificar o que alunos de séries iniciais conhecem das obras de Lobato, por quais fontes (televisão, livro didático, professor, livros de literatura, etc...), bem como a maneira como interpretam suas obras; e finalmente, propor para tais alunos atividades de leitura capazes de divulgar a obra lobatiana. Esta última etapa da pesquisa pretende trabalhar, através de atividades de leitura e escrita, algumas obras de Monteiro Lobato com intenção de divulgá-las entre as crianças e também formar leitores de sua obra.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, literatura, formação de professores, formação de leitores, leitura.

Introdução

Ao analisarmos nossas escolas públicas, podemos perceber que o exercício da leitura, muitas vezes, tem se tornado algo mecânico, pois não há planejamento para o curso por parte do docente. Este é um dos grandes problemas que tem afetado a escola pública_ causando o crescente afastamento dos alunos em relação à leitura, e ainda, contando que os professores pouco têm estimulado seus alunos ao hábito de ler_ cada vez menos se lê em sala de aula.

Com o intuito de fazer com que a leitura se torne em hábito para a formação crítica da criança, veio a tona o desejo de trabalhar e explorar a importância das ideologias nas obras de Monteiro Lobato.

A pesquisa “Leituras lobatianas: A formação de alunos através da obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato” tem o objetivo de discutir as diferentes propostas metodológicas¹ adotadas para o trabalho com os textos do escritor brasileiro cuja obra inaugura uma nova concepção de criança e de literatura a ela destinada no Brasil.

Segundo dados bibliográficos, Monteiro Lobato era um leitor assíduo de clássicos da literatura universal, como *As Aventuras de Robinson Crusoé*, de D. Defoe, *Pinóquio*, de C. Collodi, *Peter Pan*, de J. Barrie, e *Alice no país das Maravilhas*, de L. Carroll – obras que traduziu para a língua portuguesa e que o inspiraram na composição de personagens que povoam o universo fantástico das terras de D. Benta.

A série *O Sítio do Picapau Amarelo* é vasta, abarcando a coletânea *Reinações de Narizinho* (1921) e os livros *O Saci* (1921), *Viagem ao Céu* (1932), *Histórias do Mundo para Crianças* (1933), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *Emília no País da Gramática* (1933), *Geografia de D. Benta* (1935), *Memórias de Emília* (1936), *Serões de D. Benta* (1937), *Histórias de Tia Nastácia* (1937), *O Minotauro* (1937), *O Poço do Visconde* (1937), *O Picapau Amarelo* (1939), *A Chave do Tamanho* (1942) e *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944).

Assim, recuperando criações da produção artística internacional, Lobato adentra o mercado editorial brasileiro com aventuras que conseguem a aceitação imediata entre as crianças.

Investigações revelam que o acesso da maior parte das crianças aos contos de Lobato era possível por meio do material didático da disciplina de Comunicação e Expressão. Os textos apresentavam-se de forma fragmentada e eram usados como pretexto para o ensino de Gramática e Ortografia. Tal fato se repete com as obras de outros escritores nos compêndios escolares, o que se tornou alvo das críticas levantadas por Bonazzi e Eco (1980), Lajolo (1993), Chiappini (1998), entre outros.

Segundo Aguiar (1993), uma porcentagem significativa de educadores das séries iniciais não possui uma metodologia adequada para desenvolver atividades com os textos de Lobato nas dimensões gramatical, semântica e pragmática. Tal

¹ Segundo Trevizan (2000), a metodologia constitui a organização da ação educativa apoiada em um viés epistemológico. Engloba uma *organização formal*, calcada na seqüência de atividades a serem desenvolvidas no âmbito escolar, e uma *organização conceptual*, que envolve uma reflexão sobre as categorias conceituais a serem ministradas.

situação reflete a problemática da formação docente, evidenciando lacunas na preparação do profissional para a atuação em sala de aula.

Com base nestes pressupostos, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre as diferentes concepções de leitura que embasaram os modos de ensino da literatura lobatiana no século XX, tentando entender como *O Sítio do Picapau Amarelo* foi enfocado nas escolas em contextos distintos. Para tanto, a pesquisa a ser desenvolvida será dividida em cinco estágios: 1. recuperação do material bibliográfico acerca de Monteiro Lobato e sua obra infanto-juvenil; 2. Entrevista com quatro professores do Ensino Fundamental, detectando como conheceram, no passado, a criação literária de Monteiro Lobato, como os cursos de formação para o magistério os prepararam para o trabalho com tais narrativas e, como, no presente, conduzem essa leitura literária em sala de aula para a formação de seus alunos; 3. Análise dos dados e posterior sistematização; 4. Questionário dirigido aos alunos das séries envolvidas para saber o que conhecem de Lobato, quais histórias já leram, de que modo leram, do que gostaram e como entenderam o escritor de Taubaté; e 5. Seleção de algumas histórias lobatinas, preparo de atividades de leitura para as salas de aulas envolvidas na pesquisa, aplicação das atividades e nova discussão sobre as obras de Lobato.

Justificativa

Os primeiros livros escritos para as crianças no Brasil apareceram no final do século XIX e sofreram grande influência da literatura de origem européia.

No final do século XIX, o Brasil muda seu regime político de Monarquia para República. Essa mudança é marcada pela ascensão de uma classe média urbana que foi, em grande medida, responsável por certas mudanças como, por exemplo, a nova configuração dada aos livros infantis da época.

Por volta de 1920, Monteiro Lobato inova o repertório literário brasileiro ao criar uma literatura nacionalista, regional, própria de nosso país. Para entender um pouco o motivo de Lobato começar a escrever para crianças é preciso entender um pouco seu contexto histórico.

Há 60 anos atrás José Renato Monteiro Lobato, mais conhecido apenas por Monteiro Lobato começou a escrever suas histórias para as crianças.

Lobato foi um homem de negócio interessado em cultura e um homem de letras, e interessado profundamente no desenvolvimento econômico do Brasil. O escritor vivenciou as três fases da República: A República Velha, o Estado Novo que se constituiu no período de 1930 até 1945, e a redemocratização do país com a emergência do populismo.

O período da República Velha foi marcante em sua carreira de escritor, pois Monteiro Lobato neste período criou um personagem conhecido em todo o país: O Jeca Tatu. A priori o personagem e sua história servia para chamar atenção da população em dois aspectos do Brasil na época:

1º) o problema da ancilostomose, mais conhecido como “amarelão”, pois atacava 80% da população do interior;

2º) e a sua situação de miséria do homem do povo.

Mas na verdade, a idéia de Lobato era de inculcar nas pessoas de que, se tiver saúde qualquer pessoa pode progredir e enriquecer.

“O Jeca Tatu e os milhões de brasileiros estão doentes não por inércia, ou simplesmente porque sofrem de” amarelão “, mas porque não existe melhores condições de trabalho, portanto de vida”. (ZILBERMAN, 1983, p. 26-27).

A partir desse pensamento, Monteiro Lobato quis adaptar um modelo americano ao Brasil, mas não levou em consideração que o modelo que ele idealizava não se encaixava a realidade brasileira: Lobato, porém persistiu na idéia de “mecanizar” o povo brasileiro, a ter ambições e a acreditar em uma nova realidade. Em resumo, Lobato pensava que todo cidadão poderia ter tudo (desde um Ford ao petróleo), mas para isso bastava ter força de vontade e lucidez para superar a dependência política. Foi neste momento que Lobato escreveu Mr.Slang e o Brasil.

Porém, todos os empreendimentos levaram o escritor à falência. Lobato considerava que o governo, em particular o de Getúlio Vargas, não haviam compreendido seus projetos e seus propósitos. Devido a estes acontecimentos Lobato preferido escrever para as crianças, pois acreditava que elas sim o comprehendiam, porque seriam mais abertas e menos interesseiras que os adultos.

Lobato escrevia, pois acreditava que o livro teria que exercer uma função cívica. Essa exigência de funcionalidade do livro pode ser vista com clareza em suas obras infantis e em seus ensaios. Com isso, Monteiro Lobato, mais tarde tornou-se editor.

Monteiro Lobato não foi apenas um simples literato, foi um guia da nacionalidade. Foi perseguido, preso e muito criticado por acreditar na existência de petróleo no Brasil. Revoltado com os adultos se dedica totalmente a escrever à literatura infantil.

Dentro de uma perspectiva pouco propícia à leitura – por volta de 1920, São Paulo tinha uma população de aproximadamente 579.000 habitantes, sendo que apenas 58% eram alfabetizados, e os livros eram considerados um artigo de luxo – Monteiro Lobato viabilizou a circulação do texto literário, mostrando que através do livro, e através da leitura poderia ser possível um processo de modernização no Brasil.

É nesta perspectiva que Monteiro Lobato tornou-se fundamental, pois foi ele quem viabilizou a circulação do texto literário, mostrando que através do livro, e através da leitura poderia ser possível um processo de modernização no Brasil.

Lobato, de início, em sua “literatura geral” procurou problematizar a nossa realidade social e cultural, debrucando-se intensamente sobre os problemas brasileiros. Em suas obras dava grande valor à nacionalidade e era contra as “artes importadas”. Em suas obras infantis utiliza-se do mágico e o real, da fantasia e a realidade.

Em 1921, foram publicados 500 exemplares do seu livro de estréia – *A menina do nariz arrebitado* – que contou com a distribuição em escolas brasileiras.

O surgimento de livros para as crianças pressupõe uma organização social moderna, por onde circule uma imagem especial de infância: uma imagem da infância que veja nas crianças um público que, arregimentado pela escola, precisa ser iniciado em valores sociais e afetivos que a literatura torna sedutores. Em resumo, um público específico, que precisa de uma literatura diferente da destinada aos adultos. (LAJOLO, 2000, p.10).

Em suas obras de um lado, encontramos narrativas que possuem um caráter informativo, que preenche uma carência de saber manifestada pelas personagens infantis do *Sítio do Picapau Amarelo*, por exemplo, e, de outro lado, encontramos obras com características de ficção, onde as crianças do sítio se propõem a solucionar situações problemáticas através da atuação sobre seu meio ambiente. Em suma, Lobato utiliza-se da dicotomia: o caráter descritivo, colocado a realidade e, o senso crítico, onde a realidade se une à fantasia sem deixar de lado a denúncia.

Mesmo Lobato fazendo uso de elementos do faz-de-conta (como a boneca que fala, o sabugo inteligente), o escritor não deixa a realidade de lado. Lobato coloca o leitor diante de assuntos reais: como o petróleo, a geologia da região paulista, o folclore nacional, os trustes mundiais da economia, entre outros.

Lobato em suas obras aborda temas vivenciados em seu tempo, e faz com que os leitores conquistem uma consciência crítica.

Em suas obras, Lobato utiliza-se de aspectos reais, os quais têm como característica infantil à absoluta falta de limites com acontecimentos irreais. É por isso que o escritor substitui as fadas (personagens que no conto tradicional que se distancia da realidade) pela boneca de pano Emília, que está próxima da realidade de muitas crianças.

Os textos lobatianos suscitam nas crianças a discussão, sobre variados temas, e a concluir e a traçar paralelos sem se prender em fórmulas ou teorias.

A primeira obra de Monteiro Lobato foi escrita em 1920, mas o escritor começou a se interessar por literatura infantil um pouco antes, por volta de 1912. Esse período alertou muito intelectual da época para os problemas que vinham ocorrendo no país (pois em 1914 suscitou a Primeira Guerra Mundial). Vários fatos de ordem político-social vieram à tona, entre eles a literatura, deixando de ser importada e criou um caminho próprio (nacional).

Entre 1937 a 1945, com o Estado Novo, a população brasileira viveu um período onde a violência e o terror, juntamente com os atentados contra os direitos humanos e a liberdade de expressão. Lobato não ficou de fora, o escritor viveu um período conturbado de sua vida, mas não deixou de escrever. Lobato usava e abusava da sua espontaneidade, do humor e da crítica.

Lobato acreditava na potencialidade das crianças e seguiu o preceito de que para contribuir na formação de mentes abertas, livres e que procuram refletir sobre o

que os cerca, era necessário mostrar-lhes a realidade como ela é, sem mentiras e distorções.

O prestígio e talento do escritor Monteiro Lobato pode ser constatado em suas obras e também na TV. No ano de 1951, o primeiro programa infantil semanal da televisão brasileira foi a teatralização d' *O Sítio do Picapau Amarelo* e durou até 1963, doze anos de audiência.

A idéia do programa de TV com a obra de Monteiro Lobato, era de atingir as crianças na idade pré-escolar, com o objetivo de divertir-as ensinando, pois possui conteúdo pedagógico em seu enredo.

“... Lobato não se limita à transmissão de conhecimentos. Suas personagens aprendem observando, agindo, questionando o adulto, tirando conclusões e aproveitando o que é válido em novas situações. Sua atuação é crítica e transformadora”. (ZILBERMAN, 1983, p. 140-141).

Na obra de Lobato, os principais agentes são crianças, como Pedrinho e Narizinho, portanto o universo das personagens aproxima-se do mundo do leitor e permite identificação imediata. São crianças inteligentes e independentes, possuem a liberdade de tomarem iniciativas, inventar ações originais e resolver problemas; sempre abordando os adultos de igual para igual, e às vezes até com desrespeito, é o caso de Emília em relação à Tia Nastácia, e em alguns momentos as crianças diante de Dona Benta desconhecem limites, mas aceitam os princípios que norteiam a ação da velha senhora, e os que se referem à justiça, à ética e à fraternidade entre as pessoas. As personagens, principalmente as crianças, são figuras inseridas na vida brasileira, pois se integram aos problemas do país, reagem às dificuldades de seu e de nosso tempo, o que mais uma vez facilita a aproximação entre as personagens e o leitor.

Para muitos pesquisadores, Lobato representa um marco divisor da literatura infantil brasileira. Escolher sua obra como *corpus* e base desta pesquisa se deve pelo fato de ser o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade e capacidade intelectual.

Contadas sob um ponto de vista infantil, suas histórias, antes de ensinar, procuram interessar e divertir o leitor, ou seja, Lobato se preocupa como leitor do texto infantil, pois acredita que a criança não é um simples receptáculo de valores que os adultos lhes desejam impor.

Com base nessa afirmação, esta pesquisa busca reunir dois campos: o da literatura infantil, enfocando, especialmente, a obra infantil de Monteiro Lobato; e a inserção desta obra infantil no contexto escolar visando à formação de leitores literários.

Assim, Monteiro Lobato, além de ser o precursor de uma renovada literatura para crianças no Brasil, foi também um exímio crítico literário, mesmo que de forma informal. Nas missivas direcionadas ao amigo Godofredo Rangel que compõem *A barca...*, explicitava suas idéias sobre infância, esteticidade e literariedade. Promovia uma apreciação crítica sobre a própria obra, comparando-a com títulos renomados

da produção internacional. Firmava-se como um escritor tão envolvente quanto D. Defoe e H. C. Andersen.

Embora até aqui tenhamos notado a relevância da obra de Monteiro Lobato uma vez que inaugura uma nova literatura infantil no Brasil, cabe enfatizar que seus textos, ao adentrarem a sala de aula, não recebem um tratamento adequado. Ainda, os textos de Lobato – e de muitos outros escritores – permanecem desconhecidos ou conhecidos pela metade por alunos e professores, uma vez que os manuais didáticos de Língua Portuguesa costumam ser a principal fonte para o contato com essa obra.

Objetivos

- a) Estudar, sob uma perspectiva histórica, as propostas metodológicas adotadas nas escolas paulistas – especificamente no município de Presidente Prudente (SP), dirigidas à obra infantil de Monteiro Lobato;
- b) Refletir sobre as diferentes concepções teóricas que nortearam as práticas de ensino de leitura no século XX;
- c) Contribuir com a formação de professores de Língua e Literatura no que tange ao trabalho com *O Sítio do Picapau Amarelo*, oferecendo um panorama histórico sobre os modos de ensino voltados aos textos de Lobato;
- d) Verificar como docentes de contextos diferentes concebem a produção lobatiana, problematizando seus procedimentos metodológicos para contemplá-la em sala de aula, através de entrevista semi-estruturada;
- e) Verificar o que alunos de séries iniciais conhecem das obras de Lobato, por quais fontes (televisão, livro didático, professor, livros de literatura, etc.), bem como a maneira como interpretam suas obras;
- f) Propor para tais alunos atividades de leitura capazes de divulgar a obra lobatiana e também formar leitores críticos.

Metodologia

Considerando que a pesquisa² pretende discutir as metodologias utilizadas pelos professores para o trabalho com os escritos de Monteiro Lobato, vale salientar que este estudo será desenvolvido em cinco diferentes estágios:

- a) Em princípio, far-se-á uma revisão bibliográfica sobre as diferentes abordagens de leitura, texto e literatura. Para tanto, toma-se como referência Bakhtin (1997), Chartier (2002), Manguel (1997), Smith (1999) e Eagleton (1993);

² A análise das ações educativas direcionadas à formação de leitores contemplará *três* relevantes momentos, permitindo delinear *como* os escritos do criador de Emília foram enfocados pelas escolas paulistas do século XX: 1. Década de 50, quando as narrativas de Lobato voltadas às crianças já haviam conquistado o reconhecimento dos críticos e a devida valorização como literatura; 2. Década de 70, com as significativas alterações nas políticas e na História da Educação brasileiras; e 3. Década de 90, marcada pelas contribuições de novas diretrizes teóricas.

b) Partindo dos diferentes aportes teóricos que fundamentam as metodologias dirigidas ao texto literário, da fortuna crítica do escritor de Taubaté e de suas biografias, ter-se-á subsídios para tecer uma leitura ampliada sobre as atividades pedagógicas direcionadas aos escritos de José Bento Monteiro Lobato nas unidades de ensino;

c) Serão entrevistados quatro professores de diferentes faixas etárias, que contemplam heterogêneos perfis e variados tempos de serviço: o primeiro, que esteja na condição de recém-formado; o segundo, atuante na rede estadual ou municipal há dez anos; o terceiro, com já considerável experiência no Ensino Fundamental; e o quarto, um docente já aposentado ou prestes a se aposentar, portador de uma longa trajetória dedicada ao magistério. Delinear-se-á, dessa forma, a partir das quatro biografias, a recepção da ficção infanto-juvenil lobatiana nas unidades de ensino em diferentes contextos;

d) Verificar o que alunos destes professores acima citados conhecem das obras de Lobato, por quais fontes (televisão, livro didático, professor, livros de literatura, etc...) bem como a maneira como interpretam suas obras para, a seguir;

e) Propor a prática de atividades de leitura com obras lobatianas, com intuito de divulgar o autor e formar leitores de Lobato.

Considerando que a pesquisa pretende discutir as metodologias utilizadas pelos professores em sala de aula, para o trabalho com os escritos de Monteiro Lobato, vale salientar que este estudo será desenvolvido em três diferentes estágios:

- 1) Em princípio, far-se-á a leitura de alguns teóricos que discutem as idéias de Lobato, com o objetivo de conhecê-las melhor.
- 2) Partindo dos diferentes aportes teóricos, ocorrerá a seleção de obras para análise das ideologias, e em seguida, realizaremos um levantamento de sugestões para o uso de Lobato e a discussão ideológica em salas de aulas de séries iniciais.
- 3) Serão entrevistados professores buscando compreender quais estratégias metodológicas são utilizadas em sala de aula para conduzir a criança ao universo fantástico lobatiano.

Em seguida, as sugestões levantadas, serão encaminhadas ao âmbito escolar, e será avaliada a eficácia e a potencialidade das mesmas. As aplicaremos em salas de aulas, de 1^a a 4^a série e verificaremos se são capazes de atingir os alunos para a sua formação como leitor e principalmente, como leitor crítico.

Bibliografia

1- Sobre Literatura

AGUIAR, V.T.; BORDINI, M.G. *Literatura: A Formação do Leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ARROYO, L. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

- _____. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Comissão Estadual de Literatura do Conselho Estadual de Cultura, 1963.
- AUERBACH, E. *Mimesis* São Paulo: Perspectiva, 1994.
- CADERMATORI, L. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, B.V. *A Literatura Infantil: Visão Histórica e Crítica*. São Paulo: Global Editora, 1985.
- COELHO, N. N. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/ Juvenil: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- _____. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.
- JAUSS, H. R. *A literatura e o Leitor: Textos de Estética de Recepção*. São Paulo: Ática, 1979.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. São Paulo: Ática, 1998.
- LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: Um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil brasileira. Histórias e Histórias*. 1ed. São Paulo: Ática, 1985.
- LUIZ, Fernando Teixeira. Aspectos ideológicos na Literatura Infantil de Monteiro Lobato. Presidente Prudente: UNESP (Trabalho de Iniciação Científica) Presidente Prudente: UNESP, 2000.
- LUIZ, Fernando Teixeira. A produção de Monteiro Lobato: Contribuindo para a formação de professores a partir de uma leitura semiótica da ilustração D'O Saci. (Dissertação de Mestrado) Presidente Prudente: UNESP, 2003.
- MATOS, Éryka Pereira e SOUTO, Marly Aparecida Garcia. O Tamanho da Chave em A chave do Tamanho: Aspectos ideológicos em Lobato. UNESP (Trabalho Científico) Presidente Prudente: UNESP, dezembro de 2000.
- MEIRELES, C. *Problemas de Literatura Infantil* São Paulo: Summus, 1979.
- MENIN, A. M. C. S. *O Patinho Feio de H. C. Andersen: O “abrasileiramento” de um conto para Crianças*. Assis: 1999. Tese (Doutorado em Literaturas em Língua Portuguesa).
- ZILBERMANN, R. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989. ZILBERMANN, R. *Como e porque ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: Uma revisão crítica*. São Paulo: Mercado Aberto, 1983.

2- Sobre Leitura e Educação

- BRANDÃO, H. H. N.; MICHELETTI, G. “Teoria e Prática da Leitura” in CHIAPPINI, L. *Aprender e Ensinar com Textos Didáticos e Paradidáticos*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- COELHO, B. *Contar Histórias: Uma Arte sem Idade*. São Paulo: Ática, 1999.
- FREIRE, P. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1982.
- GERALDI, J.W. *O Texto na Sala de Aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

- GUIRALDELLI, P. Subjetividade, Infância e Pedagogia. *Caderno de Linha de Pesquisa: Educação e Filosofia* Marília: UNESP, ano 1.
- KAUFMAN, A. M.; RODRIGUEZ, M. H. *Escola, Leitura e Produção de Textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MAGNANI, M.R.M. *Em Sobressaltos: Formação de Professora* Campinas: UNICAMP, 1996.
- MARTINS, M. H. *O que é Leitura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- ROCCO, M. T. F. *Literatura e Ensino: Uma Problemática*. São Paulo: Ática, 1981.
- SILVEIRA, J.R.T. O Professor e a Transformação da Realidade. *Nuances*. Presidente Prudente: UNESP, vol.1, n.1, p.21/30, 1995.
- SOUZA, R. J. *Poesia Infantil: Concepções e modos de Ensino*. Tese de Doutorado. Assis (SP): UNESP, 2000.
- _____. *Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre (RS): PUC, 1992.